



INSTITUTO FEDERAL
GOIÁS
Câmpus Jataí

**PRODUTO EDUCACIONAL:
SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE ADOLESCÊNCIA ADAPTADA AO
ALUNO SURDO NO ENSINO FUNDAMENTAL II**



Jataí, 2016

¹ Fonte: LIBRAS, Paulo Henrique (2012) disponível em: <http://paulohenriquelibras.blogspot.com.br/2012/08/iii-encontro-de-jovens-surdos-do.html>

JANAÍNA APARECIDA SILVA BASSANI

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE ADOLESCÊNCIA ADAPTADA
AO ALUNO SURDO NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Jataí, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação para Ciências e para Matemática.

Área de concentração: Ensino

Linha de pesquisa: Organização Escolar, Formação Docente e Educação para Ciências

Sublinha: Linguagem, Cultura e Sociedade

Orientadora: Dra. Daniella de Souza Bezerra

JATAÍ
2016

Caros Educadores,

Esta proposta de sequência didática é o produto resultante da pesquisa de Mestrado Profissional em Educação para Ciências e Matemática, do Instituto Federal de Goiás/Câmpus Jataí. Foi elaborada numa perspectiva inclusiva, de acordo com a proposta bilíngue atendendo as especificidades do surdo e implementada em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental II com alunos surdos e ouvintes.

O material apresentado, objetiva elencar atividades elaboradas baseadas na pedagogia visual em uma proposta bilíngue. Destina-se especialmente, aos docentes da área de Ensino de Ciências e intérpretes que atuam com alunos surdos, nas séries finais do Ensino Fundamental II e futuros docentes.

Campello (2007) defende o uso da visualidade na educação dos surdos, propondo a pedagogia visual entendida como aquela que faz uso da língua de sinais e princípios da cultura surda, tais como: contação de histórias, jogos educativos, artes plástica, vídeos, artes visuais, recursos tecnológicos, enfim, práticas fundamentadas em experiências visuais. A autora argumenta que os conhecimentos acadêmicos podem ser adquiridos com mais facilidade por meio da visualidade.

Santana (2007) explica que a proposta bilíngue prioriza a língua de sinais sobre a língua portuguesa. Essa primazia defendida pela autora tem como base dois argumentos. Primeiro, a existência de um período para a aquisição da linguagem, segundo, pela competência inata, de que, para se aprender uma língua, basta estar dentro de uma comunidade linguística e receber dela estímulos.

Zabala (1998) define sequência didática sendo uma sequência de atividades ou sequências didáticas capazes de encadear e de articular diferentes atividades ao longo de uma unidade temática. Nesse sentido, podemos analisar diferentes formas de intervenção segundo as atividades que se realizam, especialmente quando são orientados para alcançar determinados objetivos educativos.

Para o autor, a sequência didática pode indicar a função que tem cada uma das atividades propostas na construção do conhecimento ou da aprendizagem de diferentes conteúdos e, assim, avaliar a significância de cada uma delas, a ausência de outras ou o destaque que devemos atribuir.

A sequência didática apresenta algumas etapas em comum a um plano de aula, como: objetivos, recursos e avaliação. No entanto, é mais amplo por abordar várias estratégias de ensino e por ser uma sequência com várias aulas. Para se alcançar do conhecimento dos

alunos é preciso prover estratégias, para se chegar a eles. (SCHMIEDECKE, SILVA e SILVA, 2011).

Na prática, percebemos que nem todos conseguem aprender da mesma forma, assim, acreditamos que, com um planejamento e um conjunto de atividades, como a proposta nesta sequência didática, seja possível alcançar os diferentes níveis de aprendizagem dos estudantes.

Uma sequência didática viabiliza um trabalho modular permitindo tornar as ações flexíveis possibilitando aos envolvidos a constante oportunidade de refazer. Esta proposta oferece aos alunos o acesso a vídeos relacionados ao corpo humano e saúde permitindo que experienciem o contato com recursos visuais buscando subsidiá-los a conhecer o próprio corpo percebendo as diferenças entre o corpo humano feminino e masculino relacionando as causas e as consequências de não cuidar do próprio corpo.

Carvalho (2009) afirma que precisamos conjugar a dimensão conceitual de aprendizagem disciplinar com a dimensão formativa e cultural. Nesse sentido, o ensino de ciências não fica restrito ao conteúdo curricular, mas passa a incluir também, além dos conceitos, uma dimensão procedimental e atitudinal, representada por valores do próprio conteúdo.

Para Carvalho (2009), a dimensão conceitual também sofre influência de mudanças culturais da sociedade em que está inserida, é impossível conceber o ensino de ciência, sem que este esteja vinculado às discussões sobre os aspectos tecnológico e social que a disciplina Ciências traz na modificação da sociedade. Com relação à dimensão processual, não é possível ensinar uma ciência de forma “fechada”. No ensino de Ciências atual, propõe-se que o aluno construa seus conhecimentos e possa colocá-lo em prática, em oposição à mera acumulação de conteúdos. Assim, o ensino deve ser de tal forma que leve os alunos a construir o seu conteúdo conceitual participando do processo de construção, além de oportunizar a aprendizagem e argumentação, exercitando a razão em vez de dar respostas prontas.

O tema escolhido para ser trabalhado na sequência didática: Adolescência é importante, já que os alunos nessa etapa de ensino (6º ano Ensino Fundamental II) estão iniciando a puberdade que faz parte da adolescência. O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069/90, em seu artigo 2º considera a adolescência como o período de vida que vai dos doze aos dezoito anos de idade. De acordo com Bock (2004), a adolescência vem sendo bastante estudada. Para a psicologia, a adolescência trata-se de uma fase natural do desenvolvimento, ou seja, todos os seres humanos, ao superar a infância, passam por uma

nova fase, intermediária à vida adulta, que é a adolescência. Muitos estudos se dedicaram à caracterização da adolescência. Algumas mudanças ocorrem, como: os primeiros pelos no corpo, o crescimento repentino e o desenvolvimento das características sexuais. Além dessas mudanças físicas, também surgem alguns aspectos psicológicos como: as rebeldias, as insatisfações, a onipotência, as crises geracionais, enfim, vários aspectos que a psicologia, denominou de adolescência. Leontiev (1978 apud Bock, 2004) compreende a adolescência como uma construção social que possui suas repercussões na subjetividade e no desenvolvimento humano e não como um período natural do desenvolvimento. Portanto, trata-se de um momento carregado de significados, interpretado e construído socialmente. A esta etapa, estão associadas fases do desenvolvimento do corpo que se constituem também como fenômeno social.

Freitas (2010) salienta a importância da escola como um local propício para o desenvolvimento e sistematização do conhecimento sobre a saúde do adolescente, devido ao seu papel fundamental na educação da criança e do adolescente. Para que isso seja possível, é necessário buscar estratégias de abordagem que estimulem o interesse dos educandos de tal forma que estes possam transformar e aprimorar conceitos preconcebidos, por meio de reflexão sobre o tema, socialização de experiências e troca de saberes.

Brilhante (2011) explica que não há como trabalhar a adolescência sem considerar a sexualidade, já que nesse período, ocorrem mudanças físicas e psicológicas. O adolescente precisa receber informações acerca da anatomia, fisiologia, contracepção e prevenção de doenças. Além disso, a sexualidade também é uma forma de comunicação entre as pessoas, e que sofre influências pelas experiências vividas durante a infância e a adolescência. Além disso, o ser humano é social e o processo de relação realiza-se fortemente por meio da sexualidade. Apesar de sua importância, o tema sexualidade ainda é considerado um tabu, e isso pode prejudicar a promoção do cuidado do adolescente com relação à sua saúde no que tange à questão sexualidade.

A comunidade escolar deve atentar para os aspectos sociais e culturais dos envolvidos, esclarecendo as dúvidas para evitar preconceitos, valorizando os vínculos afetivos, de responsabilidade, sexualidade e autoestima. Considerando que a adolescência não se trata de um tema novo no universo escolar, e que este, já seja discutido no seio familiar, não significa que já alcançamos satisfatoriamente o entendimento por parte dos adolescentes. Infelizmente, o que ainda percebemos é que, mesmo com vários discursos sobre os cuidados com o corpo humano e saúde, muitos de nossos alunos não sabem ainda cuidar bem de seu próprio corpo e

ainda é grande o número de adolescentes grávidas ou que contraem doenças sexualmente transmissíveis.

Assim, sentimos a necessidade de se trabalhar melhor esse tema, especialmente com os alunos surdos. Reconhecendo que a aprendizagem do surdo se difere do ouvinte, isso nos leva a concluir que a abordagem de ensino em sala com esses educandos também deve ser diferente.

O trabalho com surdos nos permite perceber a importância não só da Libras nas aulas, mas também da necessidade de uma mudança atitudinal por parte da comunidade escolar, no sentido de oferecer uma maior diversidade de recursos de aprendizagem, sobretudo visuais e materiais concretos, que visem estimular os outros sentidos que possam suprir ou minimizar as dificuldades de aprendizagem do aluno surdo.

Ramos (2013) esclarece a necessidade de considerar que o aluno surdo trata-se de um indivíduo que interage e compreende o mundo por meio de experiências visuais, e que, portanto, são necessárias adaptações curriculares e avaliativas. Além disso, é preciso é aconselhável a disponibilização de equipamentos e acesso às tecnologias da informação e comunicação, como recursos de apoio à educação.

Com relação aos gêneros textuais, segundo Bakhtin (2003), ao escrever, o educando também precisa dispor de intenções, como: por que e para quem escrever; este escrever encontra-se ligado à condição de formas específicas, no que diz respeito à estrutura da construção dos diversos textos, consolidando, portanto, as diversas circunstâncias comunicativas a que estão dependentes cotidianamente. Considerando que atitude semelhante aplica-se aos gêneros orais. Vale ressaltar a necessidade de uma constante revisão do conteúdo, apresentando-o numa perspectiva diferenciada, por associar-se ao gênero midiático vídeo e ilustração.

(Lodi, 2010) explica que devido à especificidade linguística dos surdos, sua leitura de mundo é centrada no aspecto visual, portanto, o professor não pode considerar apenas as produções textuais deficitárias e limitantes, mas sim perceber a complexidade de práticas culturais e discursivas dessa comunidade.

A escolha do gênero textual *História em Quadrinhos* (HQ) deu-se pelo fato de que segundo Santos (2003), a linguagem característica deste gênero e os elementos de sua semântica, se bem utilizadas podem ser um bom aliado ao ensino, uma vez que une o texto ao desenho conseguindo tornar mais claro, em especial, para o surdo, conceitos que continuariam abstratos se apresentados somente por meio de textos escritos. Ainda de acordo com Santos (2003), vários temas da atualidade ou de natureza histórica, ética ou científica podem ser

discutidos a partir da leitura das HQs. Ao utilizar os quadrinhos como ponto de partida de um debate, os educandos têm em mãos um material que os possibilita refletir a respeito de ideias e valores, podendo formar sua opinião sobre o assunto. Enfim, o uso de HQ, possibilita um manancial rico para os educadores, despertando o interesse dos estudantes, além de criar o hábito de leitura sistemática. Estimula também a conscientização, a criticidade, e a criatividade dos educandos.

Quanto ao uso do vídeo em ambiente escolar, Morán (1995) defende sua utilização pelas diferentes possibilidades de exploração de linguagem oferecidas por ele. Considerando o vídeo como um recurso sensorial, visual, que apresenta linguagem falada, musical e escrita. Estas linguagens interagem e se interligam.

Se bem utilizado, o vídeo consegue atingir diferentes sentidos e de maneiras diferentes, nos seduzindo, informando, entretendo, projetando em outras realidades, alcançando até nosso imaginário, em diferentes tempos e espaços. Optamos por usar as duas formas de vídeo consideradas por Morán (1995) importantes no ambiente escolar: Primeiro como sensibilização, na sala de vídeo, e segundo como produção, com a edição de pequeno vídeo feito no contraturno que posteriormente será disponibilizado nas redes sociais para que outras pessoas possam apreciar e conhecer um pouco do trabalho desenvolvido.

Daí a relevância dessa sequência didática uma vez que oportuniza uma aprendizagem com metodologias diversificadas. A utilização de recursos visuais e sensoriais como: imagens, material em 3D, e vídeos, no ambiente escolar, contribuiu com a promoção de debates sobre os cuidados com o corpo humano e saúde, mais especificamente na puberdade.

O trabalho é fruto de um conjunto de aspirações construídas ao longo de minha prática pedagógica, como intérprete, professora e coordenadora pedagógica. Minhas expectativas são de que ele venha contribuir, para a reflexão dos professores especialmente os de ciências. A seguir, descrevemos as estratégias educacionais elaboradas apresentando: conteúdo, objetivo, material, metodologia e avaliação.

Sequência didática sobre adolescência adaptada ao aluno surdo no Ensino Fundamental II

A proposta apresentada está embasada nos estudos de Campelo (2007; 2008), Santos (2003) que discorrem sobre metodologias que podem ser utilizados na educação dos Surdos. Para que fosse coerente com a prática nas aulas de ciências numa perspectiva inclusiva e atendesse os objetivos da sequência didática proposta, foram feitas algumas modificações nas proposições originais, como, a utilização de vídeos em Libras, atividades adaptadas em Libras, apoio de uma intérprete de Libras e uso da língua de sinais.

Os conteúdos eleitos foram - Puberdade/adolescência: sexualidade, diversidade e transformações físicas, emocionais e mentais, cuidados com a higiene e saúde. Justifica-se a escolha deste tema considerando que os estudantes precisam compreender alguns aspectos relacionados à adolescência, para que possam identificar as mudanças no corpo neste período e os cuidados que precisam ter com o próprio corpo.

O objetivo geral de ensino desta sequência didática é compreender os aspectos relacionados à adolescência, estimulando os educandos a perceberem as mudanças ocorridas e os cuidados que devem ter com seu corpo, mediante atividades como: a apreciação de vídeos, de imagens, da exploração de materiais concretos, confecção de cartazes com fotos explicativas em Libras, elaboração de história em quadrinhos e produção de vídeo de curta duração.

Objetivos específicos da sequência didática

- Observar e identificar características do corpo humano e alguns comportamentos nas diferentes fases da vida;
- Identificar e compreender algumas mudanças físicas que acontecem no corpo feminino e masculino durante a puberdade.
- Associar mudanças hormonais ao amadurecimento sexual durante a puberdade, o surgimento de características sexuais e as consequências de uma gravidez precoce;
- Estimular a cooperação, o respeito mútuo, e o diálogo entre os estudantes;
- Incentivar os estudantes a relacionarem as atividades desenvolvidas com situações do cotidiano;
- Estimular os estudantes a relatarem por meio de desenho e mediante a produção de pequenos vídeos o que aprenderam.

Duração da unidade de ensino em aulas: 7 aulas de 45 minutos

Apresentação da sequência

1. Primeira atividade: com o auxílio de imagens de pessoas em diferentes fases da vida, pedir que observem as mudanças e separem de acordo com as fases;
2. Segunda atividade: cada aluno deve escrever uma dúvida em um papel em seguida, realizar a brincadeira da “*batata-quente*” quem estiver com o papel quando o professora fizer um sinal, responde a pergunta;
3. Terceira atividade: desenho do corpo humano utilizando como molde o próprio corpo e nomeação de suas partes em Língua Portuguesa e em Libras, lista das diferenças e representação do sistema reprodutor feminino e masculino utilizando massinha de modelar;
4. Quarta atividade: cartaz com figuras de crianças e de adolescentes de ambos os sexos, no qual os alunos irão observar as mudanças ocorridas no corpo com a chegada da adolescência, em seguida, devem registrar no caderno, um quadro com as principais diferenças entre corpo feminino e masculino, a pesquisadora faz a mediação para que sejam elencadas todas as características destacando as diferentes transformações físicas no corpo masculino e feminino durante a puberdade. Partindo destas diferenças identificadas, instigar os alunos para que questionem o porquê dessas diferenças;
5. Quinta atividade: vídeo em Libras explicando sobre a adolescência;
6. Sexta atividade: elaboração de uma história em quadrinhos sobre o que aprenderam sobre adolescência;
7. Sétima atividade: Produção de vídeo de curta duração.

Descrição e especificação dos recursos

- Equipamento multimídia para projeção de vídeo;
- Materiais básicos para a elaboração de cartazes, como: cartolinas, gravuras, colas, tesouras, régua, pincéis, canetas hidrográficas, lápis de colorir, massa de biscuit etc.;
- Portfólio de imagens, coletadas da Internet, selecionadas e disponibilizadas pelas professoras;
- Máquinas fotográficas; tablets e telefones móveis;
- Computadores para edição do vídeo produzido pelas alunas surdas;

Produtos

- Vídeos de pequena duração em Libras e história em quadrinhos para promoção de debates referentes aos cuidados que devem ter com o corpo a partir da adolescência.

Informações gerais

- Durante o processo de execução desta sequência didática, os alunos devem ser orientados a participarem das atividades propostas para que se possa registrar imagens que, posteriormente serão disponibilizadas em portfólio, tipo banco de imagens, no *desktop* do computador da sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) da escola.
- Deve ser salientada a importância de cada participante na construção do produto final, reforçando a possibilidade de mudanças por meio da atitude individual. Os participantes devem ser comunicados, previamente, que toda a atividade será registrada em vídeo ou fotos.

Flexibilização para os alunos surdos

- Levando em consideração as especificidades dos surdos, a montagem dos grupos, deve ser realizada distribuindo os alunos de forma que o grupo que receba surdos possam colaborar com a aquisição de conhecimento destes.

Primeira Atividade

Esta atividade deve ser iniciada com uma *sensibilização*: Com imagens de pessoas em diferentes momentos da vida (bebê, criança, adolescente, adulto e idoso). Antes do início do trabalho, peça que os alunos observem as mudanças ocorridas no corpo com o tempo. Liste no quadro essas diferenças.

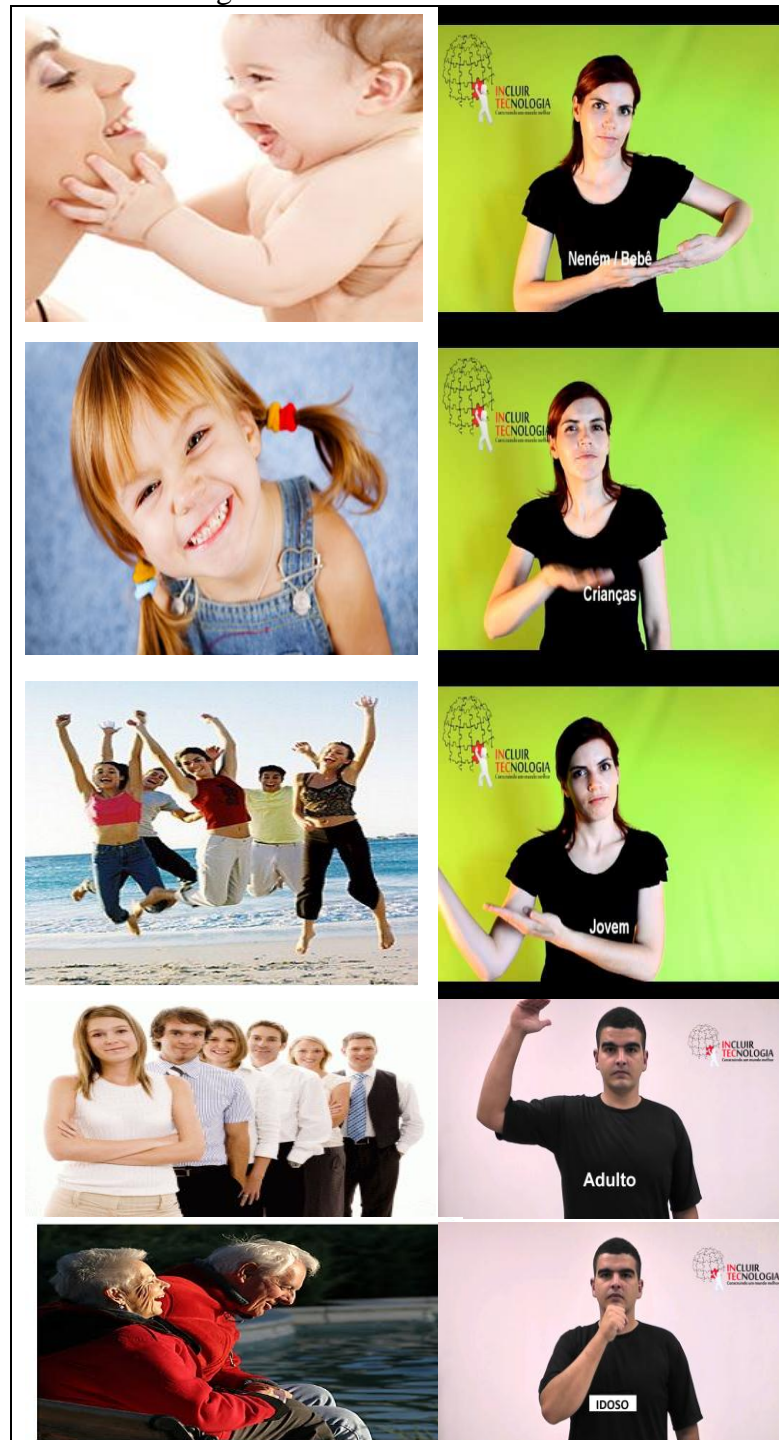
Para realização dessa atividade, sugerimos a dinâmica da “*Caixa do tempo*”, que consiste em preparar uma caixa com várias imagens de pessoas em diferentes momentos da vida. Divida o quadro em cinco partes com os seguintes palavras: (bebê, criança, adolescente, adulto e idoso).

Com ajuda da intérprete da Libras, trabalhar o sinal de cada palavra. Solicitar a cada aluno que vá até a frente, pegue uma gravura e coloque em ordem de acordo com as fases da

vida. Os alunos devem observar as mudanças ocorridas no corpo com o tempo. E por fim, deve ser produzida coletivamente no quadro uma lista das diferenças percebidas.

Após a lista de palavras, trabalhe com a turma o sinal de cada uma das palavras da lista para que todos possam aprender o sinal em Libras.

Figura 1 – Fases da vida humana



Fonte: Elaboração própria adaptação de .Mendes (2014)

Segunda atividade

A elaboração desta atividade tem como objetivo fazer um diagnóstico inicial sobre o assunto, identificando quais os conhecimentos prévios dos alunos. Nesse caso, os relacionados à adolescência e às mudanças no corpo nessa fase.

Para realização deste diagnóstico, entregue um pedaço de papel para cada aluno e solicite que escrevam suas dúvidas sobre adolescência, sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis (DST), gravidez na adolescência e métodos contraceptivos.

Depois de formuladas as perguntas, recolher os papéis e colocar em uma caixa que deve ser repassada de mão em mão e quando professor fizer um sinal (pode ser uma palma) quem estiver com a caixa deve abrir, pegar uma pergunta e respondê-la. O diagnóstico deve possibilitar a identificação de quais as principais dúvidas dos alunos e quais os assuntos de maior interesse.

Terceira atividade

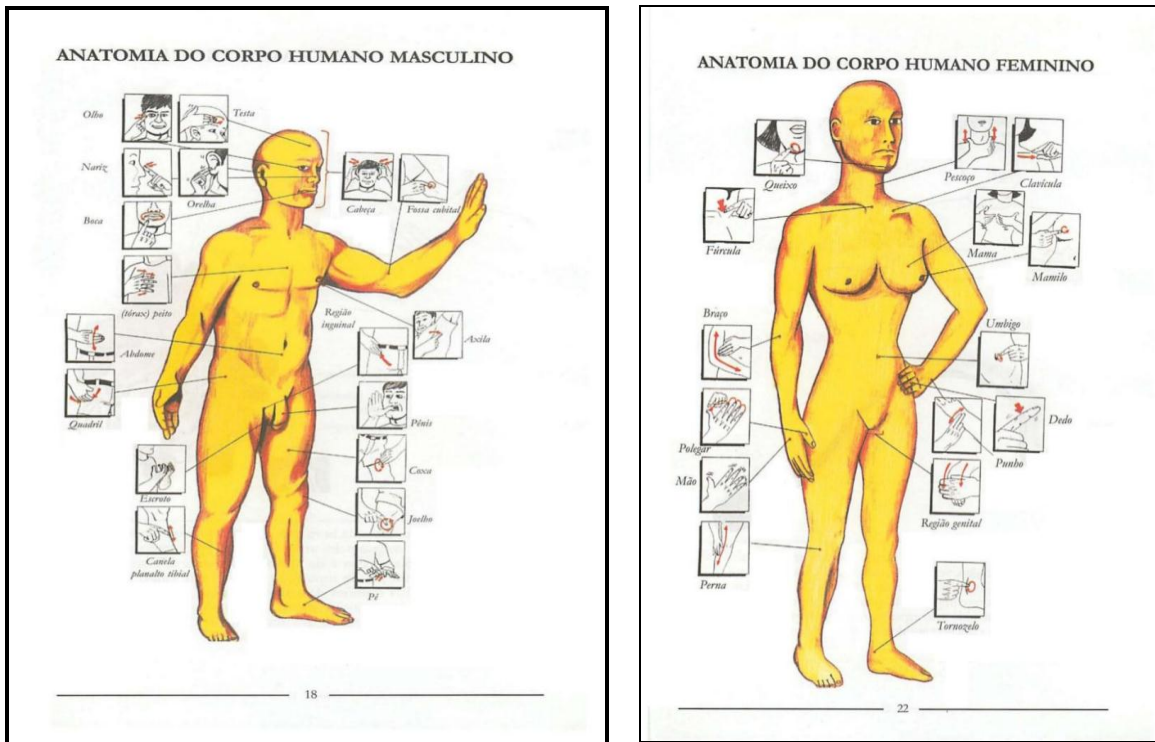
Esta atividade consiste em estimular os alunos a perceberem semelhanças e diferenças entre o corpo feminino e masculino com o objetivo de se promover uma reflexão, também baseada na pedagogia visual já que é utilizado recurso visual material concreto. Para isso, apresente cartaz com figuras de crianças e de adolescentes de ambos os sexos, no qual os alunos poderão observar as mudanças ocorridas no corpo com a chegada da adolescência. Pedir aos alunos que registrem no caderno um quadro com as principais diferenças entre corpo feminino e masculino.

Partindo das diferenças físicas identificadas no quadro, instigue os alunos para questionarem o porquê dessas diferenças e características explicando que elas são consequências da ação dos hormônios.

Converse com os alunos e complete o quadro com as características que não forem citadas e destacando as diferentes transformações físicas para meninos e meninas, durante a puberdade.

Após observarem a imagem, nomeie as partes em Português e em Libras para que os alunos conheçam tanto o nome em Língua Portuguesa quanto em Língua de Sinais. Como nas figuras 2.

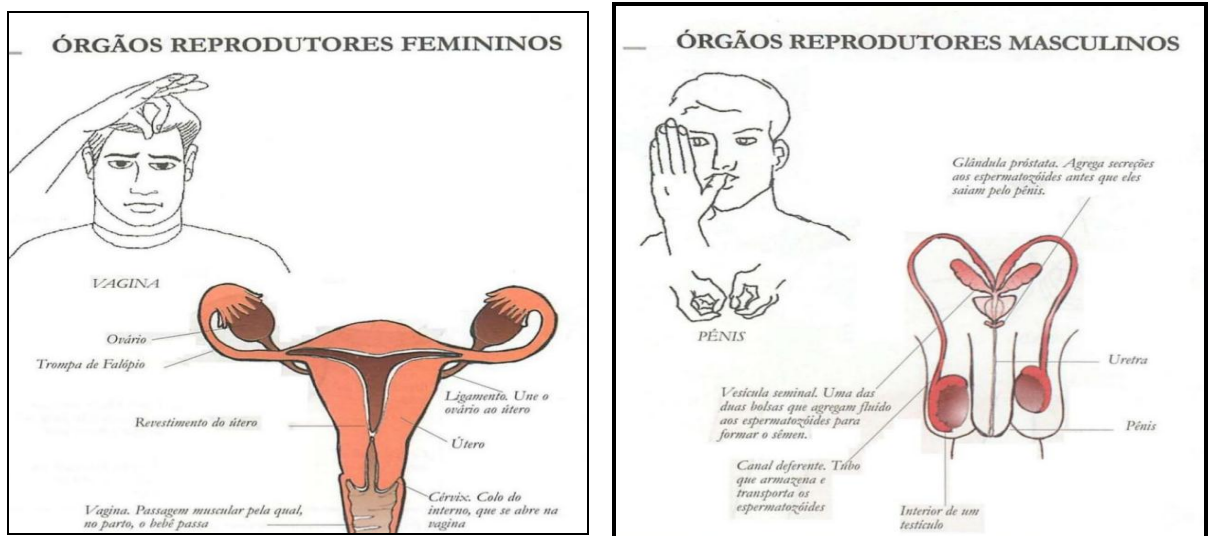
Figura 2 - Anatomia do corpo humano



Fonte: Elaboração própria – adaptação Meneguete. e Weber (1998)

Apresente também, algumas imagens dos órgãos sexuais e reprodutores masculino e feminino, como na figura 3 nomeando-os em Língua Portuguesa e em Libras.

Figura 3 – Órgãos reprodutores .



Fonte: Elaboração própria – adaptação de Meneguete e Weber (1998)

Depois de explicar cada um dos órgãos e suas funções com a ajuda da intérprete e o apoio das imagens, solicitar que façam dois desenhos do corpo humano usando como molde o

corpo dos próprios alunos. Pedir que completem este desenho com os órgãos sexuais diferenciando o corpo feminino do masculino. Logo, após deixar que os alunos nomeiem em português e em libras cada órgão.

Em seguida, proponha uma atividade que vise reconhecer as principais diferenças entre o aparelho reprodutor feminino e masculino, utilizando massa de modelar para que os alunos possam manusear o material, percebendo assim as diferenças entre o corpo feminino e masculino².

Os materiais a serem utilizados são: Kraft, pincel atômico, massa de modelar, imagem impressa do sistema, plaquinhas com os nomes das estruturas e suas funções (papel cartão e palito). Apresentadas na figura 4.

Figura 4 – Atividade sobre órgãos reprodutores



Fonte: Elaboração própria - adaptação Pérolas da Inclusão (2015).

² A sugestão desta atividade foi retirada do blog “Pérolas da inclusão” disponível em: <https://perolasdainclusao.wordpress.com/2013/04/29/sistema-reprodutor-masculino>.

Quarta Atividade

Na quarta atividade, inicie apresentando cartaz com figuras de crianças e de adolescentes de ambos os sexos, no qual os alunos possam observar mudanças ocorridas no corpo com a chegada da adolescência. Solicitar que registrem no caderno um quadro com as principais diferenças entre corpo feminino e masculino, percebidos nas imagens e pelo que foi aprendido nas aulas anteriores estimulando-os a criarem coletivamente uma lista das principais mudanças que ocorrem no corpo do adolescente.

Logo depois, com ajuda da intérprete ensine aos alunos os sinais em libras do que for escrito na lista, e depois proponha que tirem fotos dos alunos fazendo os sinais para a criação de um banner.

Partindo das diferenças físicas identificadas no quadro, instigue os alunos para que questionem o porquê dessas diferenças e características explicando que elas são consequências da ação dos hormônios.

E por fim, junto coletivamente complete o quadro com as características que não foram citadas e destaque as diferentes transformações físicas no corpo masculino e feminino, durante a puberdade.

Quinta atividade

Esta atividade é realizada com auxílio de data show utilizando vídeos de pequena duração sobre a adolescência e as mudanças do corpo humano nessa fase, destaca o sistema reprodutor, para que os alunos percebam as diferenças entre o corpo masculino e feminino.

A opção de se usar o vídeo nessa atividade é de sensibilização e de exploração de imagens uma vez que nosso trabalho contempla a pedagogia visual, ajudando assim que os alunos utilizem diferentes sentidos, já que, o vídeo promove uma síntese entre imagem e som, gerando diferentes sensações.

O primeiro vídeo é apresentado em libras³, possui legenda e áudio não sendo necessária nenhuma adaptação. Já o outro vídeo⁴ é preciso contar com o auxílio da intérprete, visto que, ele usa apenas a Língua Portuguesa em sua forma oral, portanto precisa ser interpretado.

³ Educação Sexual para Adolescentes surdos, disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=XGVKNyyPibA>

⁴ Adolescência e Sexualidade disponível em <https://youtu.be/NNQdhzfNbTI>

Sexta Atividade

Esta atividade tem como objetivo estimular os alunos a produzirem uma história em quadrinhos a partir do que foi trabalhado sobre adolescência. A escolha da HQ se deu pelo motivo de que esse gênero une aprendizagem com lúdico, e permite que seja trabalhado conteúdo científico, investindo na percepção visual imprescindível na aprendizagem do surdo.

Entregar para cada aluno uma folha chamex em branco para que eles produzam uma história em quadrinhos sobre o que estudaram durante a sequência didática. Em seguida, orientar que cada um produza uma história em quadrinhos enfatizando que as características deste gênero textual. A figura 5 traz alguns exemplos de balões de fala utilizados na produção das HQs.

Figura 5 – Balões utilizados na produção de História em Quadrinhos



Fonte: HEINE, E. (S/A).

Sétima Atividade

Esta atividade tem como objetivo estimular os alunos a produzirem vídeos sobre adolescência e as mudanças no corpo durante neste período. A escolha do vídeo se justifica pelo fato deste recurso possuir característica audiovisual torna o recurso um meio de informação acessível ao surdo e ao ouvinte, possibilitando que os alunos surdos e ouvintes possam expressar seus conhecimentos sobre o conteúdo científico, investindo na percepção visual necessária ao ensino do surdo.

Inicialmente, propõe-se que se formem grupos com os alunos para criação dos vídeos. A produção dos vídeos pode ser feita durante a aula com todos os alunos, ou no contraturno

com grupos menores. O professor deve orientar como produzir um pequeno vídeo com o objetivo de promover o debate sobre os cuidados com o corpo na adolescência⁵.

A primeira atribuição dos grupos é definir com auxílio do professor como utilizar as fotos e os vídeos e o que fazer para planejar e criar o seu vídeo. Para isso, o professor pode disponibilizar algumas fotos e vídeos num portfólio/banco de dados pré-selecionados e salvos no desktop.

Findada esta etapa, exibir a produção do vídeo ao grupo, e depois realizar uma “Sessão Pipoca”, para que os alunos possam assistir ao vídeo produzido e os criadores dele possam ter a oportunidade receber comentários do público visando a contribuir com o trabalho e aprendizado de cada um.

Acreditamos que esse momento é importante, visto que, os alunos podem aproveitar a oportunidade para realizar uma autoavaliação ponderando sobre sua participação individual e coletiva na elaboração e na edição do vídeo, percebendo se os objetivos atingidos estão de acordo com a proposta do roteiro de trabalho e sobre a possibilidade de confirmação ou de refutação das perspectivas de aceitação do público.

Em nossa percepção, a maneira como o professor aborda o ensino e consegue envolver os estudantes, independente de suas especificidades, possibilita o desenvolvimento de atitudes e de comportamentos colaborando com a aprendizagem dos alunos, tornando-os mais engajados e comprometidos com as atividades.

Nesse sentido, concordamos com Zabala (1998), que afirma que uma sequência didática consiste em elaborar um projeto de apropriação das dimensões constitutivas, que são instrumentos que permitem agir em situações de comunicação diversas, permitindo a avaliação da validade de cada atividade, sendo, portanto, um bom material de apoio didático ao professor.

Por meio da sequência didática e das estratégias adaptadas baseadas na pedagogia visual e na proposta bilíngue, percebemos que houve um maior envolvimento dos estudantes surdos e ouvintes, contribuindo assim para a melhoria do processo educacional.

Os resultados obtidos na pesquisa mostram a necessidade de se promover momentos de reflexão na comunidade escolar para que juntos possam desenvolver propostas que contemplem uma educação inclusiva, considerando as particularidades de ensino do surdo, numa proposta bilíngue com metodologias que atendam às especificidades deles.

⁵ Orientação para produção de vídeos de curta duração, disponível em: http://curtahistorias.mec.gov.br/images/pdf/dicas_producao_videos.pdf. Acesso em 15 de Janeiro de 2017.

Enfim, percebe-se que as dificuldades em relação ao ensino do surdo, na escola pesquisada, também estão presentes em outros estudos citados no trabalho. Assim, é necessário que haja mais pesquisas sobre o assunto, para que o processo de inclusão seja efetivo e promova uma educação que o contemple a todos independente de suas limitações.

REFERÊNCIAS

ADOLESCÊNCIA e Sexualidade Oficial-Com música. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=NNQdhzfNbTI&feature=youtu.be>>. Acesso: 10 set. 2015

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

BOCK, A. M.B. A perspectiva Sócio-histórica de Leontiev e a Crítica à Naturalização da Formação do Ser Humano: A adolescência em questão. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 26-43, abril 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso: 05 maio de 2016.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

BRILHANTE, A. V.M.; CATRIB, Ana Maria Fontenelle. Sexualidade na adolescência.

Revista Feminina. vol 39 nº 10, Out. 2011. Disponível em:

<<http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2011/v39n10/a2966.pdf>>. Acesso: 22 dez. 2005.

CAMPELLO, A. R. e S. Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos. In: Quadros, R. M. de.; Pelin, G. (orgs). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul. p. 100-131, 2007.

_____. **Pedagogia visual na educação de surdos-mudos**. 2008. 169 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CARVALHO, A. M. (org.) **Ensino de Ciências: Unindo a pesquisa à prática**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

SCHMIEDECKE, W.G.; SILVA, M.P.C.; SILVA, W.M. **A história da ciência na composição de sequências didáticas**: possibilidades trabalhadas em um curso de licenciatura em física. In: XIX Simpósio Nacional de Ensino de Física – SNEF. Anais. Manaus, AM, 2011. p. 1-10. Disponível em: Acesso: 12 ago. de 2011.

FREITAS K. R. de; DIAS S. M. Z. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto e Contexto –Enfermagem**, Florianópolis, vol.19 n.2, p. 351-357. Apr./June 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072010000200017>. Acesso em 05 maio 2016.

HEINE, E. Como fazer uma história em quadrinhos. S/A. Disponível em:

<<http://www.divertudo.com.br/quadrinhos/quadrinhos-txt.html>>. Acesso: 20 maio 2015.

LODI, A. C. B. HARRISON, K. M. P. CAMPOS, S. R. L. de. (Orgs). **Leitura e escrita no contexto da diversidade**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MENDES, M. **Educação Sexual para Adolescentes surdos** (Libras e Legenda). 2014.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XGVKNyyPibA>>. Acesso 10 set. 2015

MENEGUETE, D.; QUINTERO, J. M. W. Ciências. In: MEGUETE, D.; QUINTERO, J. M. W. **Manual de ciências e geografia**. Curitiba: SEED/SUED/DEF, 1998. p. 3-31. Disponível

em: <<http://pt.slideshare.net/valpimentinha/manual-de-ciencias-e-geografia-em-libras>>.
Acesso: 25 maio 2015.

MORÁN, J. MI, O vídeo na sala de aula. In: **Comunicação e Educação**, São Paulo, vol. 2, p. 27 - 35. jan. /abr. 1995. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm>>
Acesso: 29 maio 2015.

PEROLAS da Inclusão. Blog no WordPress.com.. Disponível em:
<<https://perolasdainclusao.wordpress.com/2013/04/29/sistema-reprodutor-masculino/>>.
Acesso: 20 junho 2015.

RAMOS, D. P. O ensino de Ciências em Libras para surdos: Energia Potencial e Cinética em vídeos on-line. In: I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DEFICIÊNCIA – SEDPCD, 1., 2013, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP Legal, 2013, p. Anais do Disponível em: <<http://livrozilla.com/doc/786551/o-ensino-de-ci%C3%AAs-em-libras-para-surdos--a-energia-pot.....>>. Acesso: 4 jan. de 2014.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem:** Aspectos e implicações neurolinguísticas - São Paulo: Plexus, 2007.

SANTOS, R.E. A história em quadrinhos na sala de aula. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2003. Disponível em:
<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/4905/1/NP11SANTOS_ROBERTO.pdf>. Acesso: 1 julho 2015.

ZABALA. A. **A prática pedagógica: como ensinar.** Porto Alegre: Artimed, 1998.